



FIERGS

INFORME ECONÔMICO

Ano 20 • Número 23 • 11 de junho de 2018

A greve dos caminhoneiros pode mudar a condução da política monetária?

O impacto da greve dos caminhoneiros sobre as exportações em maio

Atividade industrial inicia o segundo trimestre em alta

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

A greve dos caminhoneiros pode mudar a condução da política monetária?

De acordo com os dados do IBGE, o IPCA, índice oficial de inflação do Brasil, subiu 0,40% em maio, acelerando em relação ao mesmo período do ano passado (0,31%). O grande vilão dos preços foi a gasolina, com impacto de 0,15 ponto percentual sobre o total, oriundo da crise de desabastecimento provocada pela greve dos caminhoneiros.

Apesar da aceleração do nível geral de preços no mês passado, o balanço de riscos da inflação segue confortável para a manutenção da atual política monetária por parte do Banco Central. Em primeiro lugar, no que diz respeito à inflação corrente, o IPCA acumulado nos últimos 12 meses terminados em maio (2,9%) segue abaixo do piso da meta estabelecida para esse ano, de 3,0%. Por sua vez, a medida que procura capturar o núcleo da inflação através da exclusão dos preços administrados e dos alimentos no domicílio registra alta de apenas 2,5% nessa base de comparação.

No que tange às expectativas de inflação, apesar das revisões para cima nas últimas semanas, o quadro também é benigno. A mediana das estimativas que constam no Relatório FOCUS, do Banco Central, aponta que o IPCA deve encerrar 2018 em 3,82%. Para 2019 em diante, os analistas mantêm suas apostas próximas às respectivas metas para cada ano.

Pelo lado da atividade econômica, a ociosidade de maquinário nas empresas e do mercado de trabalho

deverá se estender por um período de tempo ainda maior em função dos impactos da paralisação dos caminhoneiros e do encarecimento dos fretes. Além desses elementos, o cenário internacional menos favorável e as incertezas relacionadas à corrida presidencial aturam para reduzir as projeções para o PIB em 2018. O consenso de mercado do Relatório FOCUS, que chegou a acusar crescimento de 2,92% em 06 de março, agora é de apenas 1,94%. Alguns bancos e consultorias privadas já falam em números ao redor de 1,5%.

Essa conjuntura abre espaço para que o repasse da desvalorização da taxa de câmbio observada nas últimas semanas aos índices de inflação não seja tão significativo como o de 2002. O chamado efeito *pass-through* decorre da restrição à concorrência com os produtos nacionais causada pelo encarecimento em moeda local dos importados.

Apesar dos movimentos existentes no mercado de juros no sentido de precificar uma alta já na próxima reunião do COPOM, no próximo dia 20, isso não deverá acontecer. Enquanto a economia brasileira continuar crescendo abaixo do seu potencial, a desvalorização cambial não constituirá motivo de preocupação relevante para a autoridade monetária. Portanto, caso não ocorra grande variação no cenário-base, o Banco Central deverá manter a Taxa SELIC estável pelo menos até o fim de 2018.

O impacto da greve dos caminhoneiros sobre as exportações em maio

A greve dos caminhoneiros afetou negativamente as exportações brasileiras em maio. O valor das mercadorias que deixaram de ser embarcadas no mês passado por conta da paralisação em nível nacional alcançou US\$ 2,94 bi, de acordo com a estimativa da UEE. Se convertido pela taxa de câmbio vigente no momento, da ordem de R\$ 3,80, esse total foi de R\$ 11,2 bi. Desse montante, coube ao Rio Grande do Sul arcar com US\$ 271 milhões (R\$ 1,03 bi).

É importante lembrar que alguns produtos podem ter suas entregas remarcadas para meses seguintes. Entretanto, para vários casos, o envio para o exterior é cancelado, acarretando em prejuízos adicionais para o setor exportador com frete, acomodação dos bens, multas, perda de credibilidade junto aos mercados consumidores, entre outros de difícil mensuração.

Além do impacto contracionista provocado pela greve, as exportações do Rio Grande do Sul também sofreram com a crise cambial da Argentina, nosso principal destino de produtos manufaturados. Somente para o país vizinho houve redução de 22,2% das vendas externas em maio na comparação com o mesmo período de 2017.

Apesar do bom desempenho do grupo das *commodities* nessa base de comparação – alta de 13,4%

ao embarcar US\$ 812 milhões –, o valor embarcado pela indústria de transformação gaúcha foi 10,6% menor (US\$ 940 milhões). Como resultado, as exportações totais tiveram leve queda: -0,8%, totalizando US\$ 1,77 bi.

Entre os 23 subsegmentos que registraram alguma operação de exportação em maio, 18 registraram queda. Essa elevada dispersão dos resultados negativos entre as categorias de atividade não era vista desde abril de 2016, em um dos piores momentos da crise econômica do Brasil. As principais influências negativas foram de Químicos (-38,4%), Couro e calçados (-34,9%), Tabaco (-25,6%), Alimentos (-7,0%) e Máquinas e equipamentos (-31,7%). Já Celulose e papel evitou um resultado ainda pior do setor secundário, ao crescer 200,0%.

No que tange às perspectivas para as exportações gaúchas nos próximos meses, o benefício da desvalorização observada na taxa de câmbio ao longo das últimas semanas deve ser visto com cautela. Isso porque muitos contratos de compra e venda fixam o valor da cotação durante sua vigência. Portanto, ainda levará algum tempo até que o Real mais depreciado em comparação com o Dólar surta efeito sobre a competitividade dos embarques.

Atividade industrial inicia o segundo trimestre em alta

Porém, a greve dos caminhoneiros coloca um viés negativo para os próximos meses.

A pesquisa Indicadores Industriais do RS, realizada pela FIERGS, mostrou um quadro de recuperação em abril depois da forte queda observada no mês anterior. O Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), que mede o nível de atividade do setor no estado, cresceu 3,6% em abril ante março, quando tinha registrado queda de 2,5%. Ambos os resultados com ajuste sazonal. É importante ressaltar que o feriado de Sexta-Feira Santa ocorrido atipicamente em março influenciou a retração da atividade industrial neste mês, e, da mesma forma, a expansão em abril.

O IDI/RS é composto por seis variáveis e todas cresceram na passagem mensal ajustada sazonalmente, sendo que a maior contribuição veio das compras industriais (+12,9%).

Na relação com o mesmo mês do ano anterior, o índice de atividade cresceu 7,0% em abril, a décima taxa positiva seguida e a mais alta desde setembro de 2013 (+8,2%). Mais uma vez, parte desse comportamento pode ser atribuída ao efeito calendário. Abril de 2018 registrou maior número de dias úteis: três a mais que o mesmo mês do ano passado.

Nos quatro primeiros meses do ano, o IDI/RS acumulou alta de 3,7%, em comparação com mesmo período de 2017, com cinco de seus seis componentes em alta: compras industriais (+9,8%), faturamento real (+7,8%), capacidade instalada utilizada (+2,1 p.p.), horas trabalhadas na produção (+1,0%) e emprego (+0,7%). Apenas a massa salarial real caiu (-2,3%).

Vale destacar que o crescimento da atividade industrial nos quatro primeiros meses não é generalizado, ocorrendo em oito dos dezessete setores pesquisados. Os setores de Veículos automotores (+20,5%), Tabaco (+8,0%) e Produtos de metal (+6,3%) forneceram as principais contribuições à expansão da atividade industrial gaúcha. Na mesma base de comparação, os recuos mais importantes foram dos setores de Químicos e derivados de petróleo (-1,8%) e de Máquinas e equipamentos (-1,1%).

Os resultados da pesquisa Indicadores Industriais do RS de abril mostraram que a trajetória de recuperação da atividade do setor manteve a característica de volatilidade.

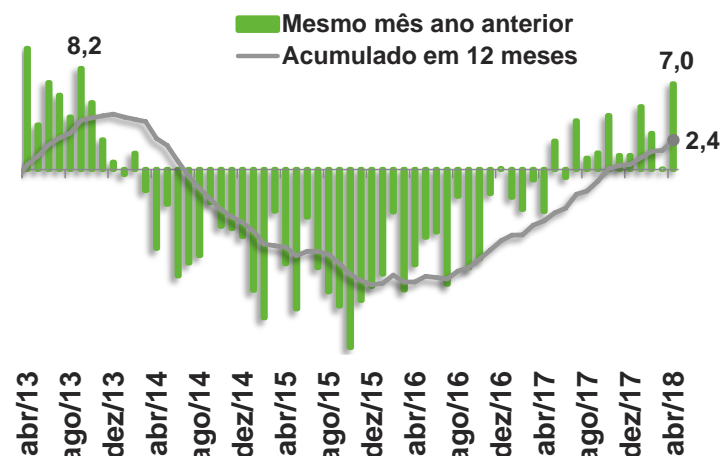
O cenário para o futuro, porém, ficou ainda mais incerto com a paralisação dos caminhoneiros, que travou a atividade industrial no final de maio e colocou um viés negativo para os próximos meses, ainda que uma parte das perdas possa ser recuperada. De fato, além do impacto direto na atividade industrial, os desdobramentos econômicos e políticos desse movimento devem elevar ainda mais o grau de incerteza, já elevada pela instabilidade externa e pela indefinição eleitoral, lembrando ainda que a indústria deve perder competitividade, pois pagará parte dessa conta com aumento de impostos e do frete.

Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul (Variações em % – abril de 2018)

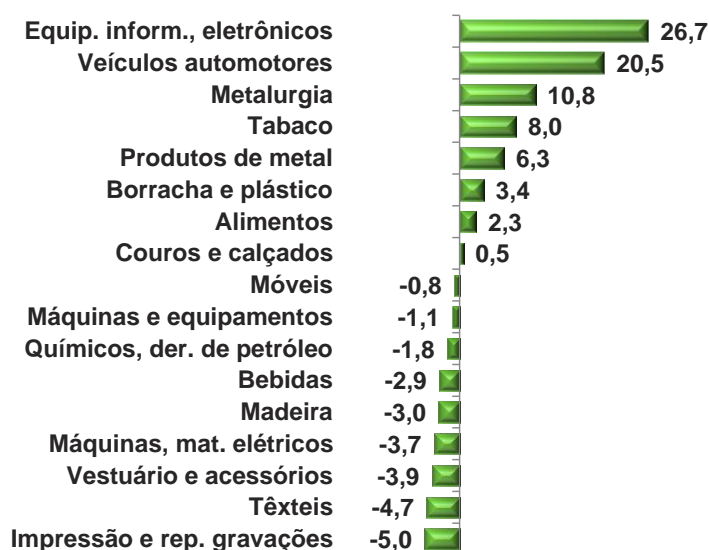
	Mês*	Mês ano anterior	Ac. ano
Índice de desempenho industrial	3,6	7,0	3,7
Faturamento real	0,7	13,1	7,8
Horas Trabalhadas na produção	0,5	4,3	1,0
Emprego	0,3	1,1	0,7
Massa salarial real	1,6	-0,7	-2,3
UCI (p.p.)	0,8	3,4	2,1
Compras Industriais	12,9	17,2	9,8

* Dessazonalizado

Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS (Variação do mês em relação ao mesmo mês do ano anterior e acumulada em doze meses (%))



Índice de Desempenho Industrial do RS – Setores (Variação acumulada no ano – abril de 2018 – %)



Fonte: UEE/FIERGS.